

Jornalismo e História no Pará: Relatos de acontecimentos importantes de agosto de 1912¹

Miguel Alves de SOUZA NETO²
Priscila Ferreira BENTES³
Universidade da Amazônia, Ananindeua, PA

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar a produção jornalística realizada pelo Jornal “O Estado do Pará”⁴ a partir dos relatos de acontecimentos ocorridos no mês de agosto do ano de 1912. Assim, é evidenciada a estrutura do jornal, o relato da comemoração da data 15 de agosto, a descrição da luta política entre Lauro Sodré e Antônio Lemos, a crise e o fim da Era da Borracha, buscando identificar aproximações de sua produção com a dos jornais que circulam hoje no município de Belém.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo - Pará; Jornalismo - Produção; História - Pará.

1 COMENTÁRIOS INICIAIS

Este artigo observa a estrutura do Jornal “O Estado do Pará” a partir do relato de alguns dos principais acontecimentos ocorridos no mês de agosto de 1912. Trata da estrutura desse jornal, das notícias como elemento para um estudo da evolução histórica do jornalismo, buscando compreender seu conteúdo baseado nos aspectos do fazer jornalístico de uma determinada época. Observa, portanto, como eram veiculados os festejos de uma data cívica comemorativa - hoje pouco memorada - 15 de agosto, dia em que o Estado do Pará aderiu à Independência do Brasil (1823), a queda do intendente Antônio Lemos - o fim da era “Lemista” - e o atentado a Lauro Sodré, e duas datas - 28 e 29 de agosto - que configuraram o fim da chamada “Era da Borracha”.

Esse estudo a partir de tais relatos contribuiu para comparar a produção jornalística do “O Estado do Pará” com a principal produção jornalística atual e local da cidade de Belém - jornais “O Liberal” e “Diário do Pará”, suas divergências e convergências, características de composição, modo de organização das notícias. Nesse caso, o trabalho de comparação do fazer jornalismo do século XX fundamenta-se na produção da notícia de acordo com alguns

¹Trabalho apresentado no Grupo Temático História do Jornalismo, que integra o 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia, realizados na Universidade Federal do Pará, nos dias 12 e 13 de novembro de 2012.

²Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Unama. E-mail: alvesmiguelneto@gmail.com.

³Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Unama. E-mail: priscilafbentes@gmail.com.br.

⁴Trabalha-se com a linguagem e gramática originais dos escritos do Jornal “O Estado do Pará” de 1912.

aspectos das rotinas produtivas - *Newsmaking* - e aquilo que se considera necessário para o conhecimento do cidadão - *Agenda Setting*.

A metodologia escolhida para realização deste trabalho foi principalmente, a pesquisa bibliográfica - livros e artigos que retratam os aspectos sociais, históricos, políticos de Belém, precisamente em agosto de 1912 - e a pesquisa documental - baseada nas microfilmagens do Jornal “O Estado do Pará”, análise do conteúdo das notícias e comparação desse jornal com o modo de produção dos jornais atuais - “O Liberal” e “Diário do Pará”.

Este estudo objetiva contribuir, com seu recorte temporal, para o trabalho de compreensão da evolução histórica do jornalismo na cidade de Belém em um período de 100 anos, já que ao longo das pesquisas, constatou-se que algumas características do jornalismo do “O Estado do Pará” apresentam-se no jornalismo impresso contemporâneo.

2 A CIDADE DE BELÉM (PARÁ) DE 1912

Conta Roque (2001) que o início da exploração da borracha na Amazônia trouxe à capital paraense grandes modificações estruturais, econômicas e políticas, entretanto, no início da década de 1910 a economia gomífera entrara em completo declínio, pois os investidores americanos e europeus financiaram a produção em massa da borracha no continente asiático e, em pouco tempo, a produção do látex brasileiro fora desbancada pela produção asiática (ALMEIDA, 2009).

No mesmo período, a luta política e ideológica travada entre o Antônio Lemos, intendente municipal apoiado pelo jornal “A Província do Pará” e Lauro Sodré, amparado pelos jornais “A Folha do Norte” e “O Estado do Pará” era evidente, ambos tinham a pretensão de exercer pleno domínio sobre a máquina política de Belém.

Belém ainda queria ser a glamorosa “Paris nos trópicos”, viver a *Belle Époque* – essa “Era da Borracha” que corresponde a uma sensação de moderno pautada no modelo de urbanização de metrópoles europeias (CASTRO, 2010), porém a realidade almejada já não correspondia ao que passara a vivenciar, pois aspirar transparecer uma imagem de superioridade, de fausto e de riqueza destoava do que já ocorria então, uma “Belém do Grão Pará decadente” (FERNANDES; SEIXAS, 2011, p. 3), decadente em sua economia e em sua política, uma cidade que agora, passara a viver de aparências, daquilo que restou da área modernização advinda do lucro da economia gomífera.

3 O ESTADO DO PARÁ

No primeiro período da República Velha, havia duas oligarquias políticas importantes no cenário paraense: os Lauristas - políticos associados ao ex-governador Lauro Sodré, e o Lemistas - políticos associados ao intendente municipal Antônio Lemos (PINTO, 2007). Sodré era republicano, político de influência nacional, tinha o apoio do jornal “Folha do Norte”, Lemos era monarquista, político de influência estadual, e redator do jornal “A Província do Pará”. O principal objetivo destes políticos era dominar a máquina política que regia a capital, já que nesse período, Belém desenvolvia-se com a crescente exploração e exportação do látex produzido no estado. Já no século XX, alguns adeptos da política “Lemista” - que eram, em sua maioria, intendentes das cidades do interior do Estado do Pará eram beneficiados por Lemos - deixaram de apoiar o intendente.

Os adversários de Lemos resolveram criar um jornal (...). Reuniram-se a 4 de abril de 1911 e fundaram O Estado do Pará, com a direção entregue a Fulgêncio Simões, Virgílio de Mendonça ficando na presidência da diretoria da sociedade anônima. No dia 9 seguinte circulou o primeiro exemplar (ROCQUE, 2001, p. 98).

O jornal “O Estado do Pará” nasce em 09 de abril de 1911, fundado por Justo Chermont, um político de influência no Grão Pará. O primeiro endereço do impresso foi na Travessa Campos Sales, esquina com a Rua Treze de Maio – onde hoje se localiza o Edifício Justo Chermont, e em 20 de abril de 1976, tendo como proprietário Lopo Alvarez de Castro, passou a funcionar na Rua Gaspar Viana, nº 773 – onde hoje se localiza a gráfica do Jornal “O Diário do Pará”. No decorrer dos anos até 31 de dezembro de 1980, devido a problemas financeiros, o jornal encerra sua circulação com a edição de número 15.684.

O jornal tinha um formato de 60 cm por 42 cm e era composto de 04 a 08 páginas dependendo do número de ocorrências registradas. Sua função era veicular informações sobre as mais diversas situações vividas em Belém, no Brasil e no exterior, mas, seu objetivo maior era apoiar o político Lauro Sodré e seus aliados, defendendo-os das publicações do jornal “A Província do Pará” - jornal de cunho Lemista - e combater o intendente municipal Antônio Lemos (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 241).

Quanto à sua estrutura e à sua produção, “O Estado do Pará” é reflexo da evolução do jornalismo na cidade de Belém. Em seu início (FERNANDES; SEIXAS, 2011a), a imprensa paraense limitava-se em retratar pequenas ocorrências, o *design* gráfico dos jornais era simples, como do Jornal “A Vida Paraense” (1883) que possuía duas colunas, quatro folhas e usava poucas imagens, com circulação de três em três semanas. Com um crescente índice de urbanização devido à criação de bairros como Marco (da Légua), pavimentação e

arborização de vias, construção do Bosque – hoje, intitulado Jardim Botânico “Rodrigues Alves”, de praças como “da República” e “Batista Campos,” (O LIBERAL, 29 de agosto de 2012, p. 3), os assuntos multiplicam-se, as notícias ampliam-se, os recursos tecnológicos - advindos do próprio crescimento de Belém - aumentaram o número de jornais nas ruas, melhoraram a qualidade de impressão e baratearam seu custo, o que leva a considerar indícios de uma comunicação de massa que passa a melhorar a produção jornalística desde o início do século XX até os dias de hoje.

3.1 DOS FATOS ÀS NOTÍCIAS, DAS “SECÇÕES” AOS CADERNOS, DE “O ESTADO DO PARÁ” AO “O LIBERAL” E AO “DIÁRIO DO PARÁ”

A lógica da produção das notícias do “O Estado do Pará” pode ser relacionada com a teoria do agendamento - *Agenda Setting*, pois considera-se que o jornalista tratava de acontecimentos e apresentava-os ao seu leitor, o qual definia se tais assuntos poderiam integrar ou não a sua “agenda”, o jornalista podia apenas, sugerir a escolha de seu leitor, mas o leitor exclui ou inclui o que é excluído ou incluído nos *mass media*, com o objetivo de que o que é importante para o jornal possa sê-lo para o público; o público precisa ter “o que pensar”. O modo como o leitor compreende a realidade é propiciada pelos meios de comunicação (WOLF, 2009). A escolha dos assuntos muda de acordo com a lógica de produção do jornal, no caso o leitor do “O Estado” restringia-se a escolher apenas os assuntos do dia veiculados no jornal que beneficiavam Lauro Sodré e eram contra Antônio Lemos.

No que diz respeito à produção da notícia - *Newsmaking*, o jornalista é quem realiza o trabalho de construção do relato a partir das regras da redação para atender ao modo de produção do seu ambiente de trabalho; o que será divulgado, julgado relevante para o leitor advirá da cultura atribuída ao seu ambiente de trabalho. O jornalista então, no caso em estudo, deveria tratar de assuntos que se apresentassem favoráveis a Lauro Sodré e aos seus aliados, com a reprodução de acontecimentos desfavoráveis à política de Antônio Lemos, o que fora definido com grau de noticiabilidade, relevância pública, necessidade de publicação.

O jornal também não se valia somente de regras a respeito do embate político, mas agregava graus de relevância a outros assuntos que tomavam importância assim, tratava dos mais diversos assuntos que pudessem exercer sua função de “servidor público”, organizando em suas páginas assuntos do cotidiano da cidade como crimes, columnismo social, economia, atualidades, cultura, serviço público. Os anos do final do século XIX e início do século XX significaram para a cidade de Belém uma expansão sem precedentes. Na corrente deste processo, o jornalismo cresceu também. Relacionando aquele tempo com os dias atuais, a

divisão temática de antes, como em “O Estado do Pará”, converte-se em cadernos, como em jornais “O Liberal” “Diário do Pará”; as 07 colunas temáticas, em 100 anos, transformaram-se em 06 cadernos temáticos, com 05 a 06 colunas; as 04 folhas multiplicam-se e diversificam-se em 50 a 60 páginas diárias de registros de Belém e da região metropolitana.

Belém, em 1912, já era uma cidade urbanizada, apresentava problemas que atingiam a maioria de cidades de seu porte com crimes dos mais variados: “Pungente desgraça. Num acesso de loucura, um jovem de 18 anos prostra, a tiros de revólver, uma senhorita a quem amava – A morte da vítima – O infeliz rapaz é internado no hospício – Pormenores diversos.” (O ESTADO DO PARÁ, 1912, 25 de agosto de 1912, p. 1). “Homem sanguinário. Um casal ferido a bala – A prisão do delinquente – As vítimas no hospital.” (O ESTADO DO PARÁ, 27 de agosto de 1912, p. 1).

Havia o título “Occorrencias Policiaes”, onde eram relatadas pequenas infrações, como pessoas que consumiram alta quantidade de bebida alcoólica, e delitos, como o caso de Miguel Archanjo, que fora preso por não definir a procedência de um pato que trazia nas mãos, homicídios provocados por vingança, inveja, como em “ciúme, pau e xadrez” que Etelvina Adolphina agrediu Raymunda por sentir inveja da mesma. Ciúme, motivo do espancamento de Maria Julia de Alencar esposa de Mario de Alencar, pelo fato deste acreditar que ela o traía. Suicídios, como o relato sobre o jovem Victor Manoel Vaz, português que se matou por encontrar-se em extrema pobreza. Semelhantes aos cadernos de crimes hoje - intitulado “Polícia” nos jornais “O Liberal” e “Diário do Pará”, em 1912, a escrita ilustrava o que ocorrera, nos mínimos detalhes, hoje, esse auxílio é fornecido pelas fotografias, percebem-se “anúncios” da notícia, o que não se diferencia do *lead* contemporâneo, da técnica de organizar, em poucas palavras, o mais importante do acontecimento.

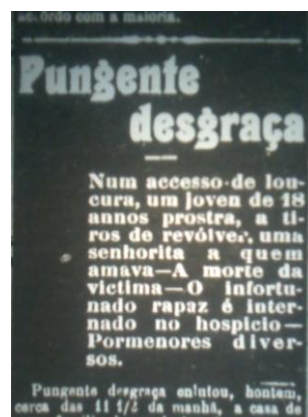


Figura 1: Microfilme d’ O Estado do Pará, de 1912.
Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém.

Existia o espaço sobre as notícias do exterior baseadas em telegramas enviados de outros estados do Brasil e de Portugal em “Notícias de Portugal”. “Tópicos e Notícias”, assuntos abordando atualidades. “Telegramas” a respeito de acontecimento no interior, geralmente notícias do Rio de Janeiro, e no exterior⁵, acerca da economia na França, incidentes na Turquia, ocorrências nos Estados Unidos e outros países. Esses tópicos apresentam semelhança com o primeiro caderno tanto de “O Liberal” - “Atualidades” - quanto do “Diário” - “Belém”, pois nestes jornais, o primeiro caderno trata dos assuntos considerados mais importantes para a cidade, as matérias mais relevantes sobre o âmbito local, regional, nacional e internacional, de acordo com o grau de relevância para o habitante belenense.

O espaço intitulado “Dia Social” registrava o nome dos aniversariantes ou festejos natalícios ocorridos no dia anterior, festas particulares promovidas por integrantes alta sociedade e eventos sociais. “Navegação”, o qual trazia o horário das embarcações a caminho do “interior” e do “exterior”⁶. “Chronica Teatral” anunciando peças teatrais e filmes em cartaz e tecendo pequenas - quase que irrelevantes - notas sobre os filmes e peças em cartaz. O caderno “Magazine” - “O Liberal” - e “Você” - “Diário” - fortaleceram a ideia da difusão cultural do “O Estado”, ampliando não só os festejos, mas também, o colunismo social, as notas sobre peças e filmes evoluíram para críticas teatrais e cinematográficas, e adicionou a crítica literária.

“Dia Administrativo”, informações sobre os serviços jurídicos e administrativos prestados para a população. “Dia Forense”, notas de cunho técnico-jurídico. “Dia Militar”, relatos sobre o serviço militar, títulos que originaram - ou auxiliaram na configuração - os cadernos sobre política, referindo-se aos serviços prestados à população. “Secção Commercial”, produtos e seus respectivos valores. “A pedidos”, serviços de publicação. “Vale Quem Tem” com anúncios de compra e de venda que remetem ao caderno dos classificados - nome do caderno de “O Liberal” e do “Diário” - que publica artigos, móveis e imóveis que estão à venda.

3.2 AGOSTO DE 1912

3.2.1 Data magna: 15 de agosto

Comemora-se, no dia 15 de agosto, a adesão do Pará à independência do Brasil. Este dia, com a manchete intitulada “15 de Agosto” (O ESTADO DO PARÁ, 15 de agosto de

⁵ Interior e exterior, no sentido de dentro e fora do país.

⁶ Interior e exterior, no sentido de dentro do estado e fora do Estado do Pará.

1912, p.1), mostrou-se como “magna data paraense” no jornal, repleta de comemorações, de homenagens àqueles que proclamaram a independência no Estado do Pará (O ESTADO DO PARÁ, 15 de agosto de 1912, p.1). Descreveu-se que uma das comemorações ao memorável dia ocorreu às 17 horas no Teatro da Paz com exibição de filmes e distribuição de pipocas e de bombons às crianças e aos professores que ali estavam presentes. Em sequência, no dia 16 de agosto registrou-se como foram grandiosas e belíssimas as comemorações.

É possível constatar certo ufanismo explícito na edição do jornal desse dia, celebrar a magna data, celebrar aqueles que lutaram em prol da unificação do Estado à nação brasileira. A data não possui mais a mesma relevância para os jornais atuais, o que hoje se publica são notas, breves comentários acerca da razão do feriado, àquela época, festejava-se por todo município tal dia, desde os eventos da “sociedade do café” promovidos pelas damas da alta sociedade até os eventos mais “simples” cheios de atrações abertos ao público como os promovidos para crianças e professores.

3.2.2 “Atentado”, humilhação: a derrocada de Antônio Lemos

Também, no mês de agosto, ocorreu no dia 28, às 20h30, o que “O Estado do Pará” intitulou,

INNOMINAVEL ATTENDADO contra Lauro Sodré – O lemisimo desmacarou-se. Em desespero de causa tenta suprimir o grande brasileiro. Hontem, ás 8 1/2 da noite, dirigia-se para o theatro da Paz, o eminente sr. dr. Lauro Sodré, acompanhado de seu filho dr. Emmanuel Sodré capitão Cassulo de Melo, ajudante de ordens do governador, e do dr. Virgílio de Mendonça intendente municipal quando (...) (O ESTADO DO PARÁ, 29 de agosto de 1912, p.1).

Um “atentado” – simulado, como afirma Rocque (2001) - de lemistas a Lauro Sodré. Um plano terrível no qual homens munidos de armas de fogo alvejaram covardemente, a carruagem de Sodré na qual seguia o político em direção ao Teatro da Paz. Sodré, incrível homem que era, sobreviveu ao atentado e foi ovacionado ao chegar ao teatro, dirigiu aos seus sua palavra, imponente e inquestionável (O ESTADO DO PARÁ, 29 de agosto de 1912, p.1).

O “innominavel attentado” com o intuito de retirar a vida do grande cidadão brasileiro – assim agraciado pelo jornal, na verdade, fora denunciado pelo “A Província do Pará” como um atentado simulado, pois, os adeptos de Lauro Sodré - contrários aos contribuintes de “A Província” e a Antônio Lemos - possuíam o objetivo de derrubar Lemos e seus simpatizantes, destituí-los do poder político exercido sobre a capital (ROCQUE, 2001). De fato, fora simulado, tanto que “O Estado do Pará”, juntamente com “A Folha do Norte”,

induziram a população a acreditar, piamente no atentado, provocando uma grande revolta na população (ROCQUE, 2001).

Não obstante, “O Estado do Pará” continuou a promover uma campanha contra seu adversário e no dia 30, divulgou o atentado ao seu protegido político e deu lugar de destaque ao incêndio que atingiu o prédio do “A Província”:

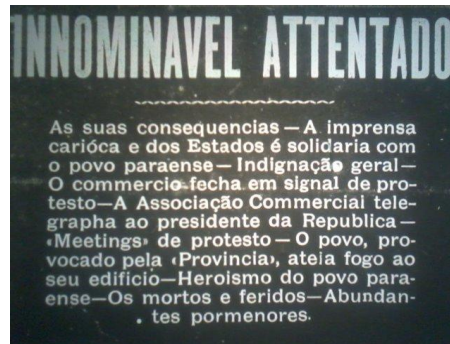


Figura 2: Microfilme d’O Estado do Pará, de 1912.
Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém.

INNOMINAVEL ATTENTADO. As suas consequências – A imprensa carioca e dos Estados é solidaria com o povo paraense – Indignação geral – O commercio fecha em signal de protesto – A Associação da Republica - <<Meetings>> de protesto - O povo, provocado pela <Provincia> ateia fogo ao seu edificio – Heroismo do povo paraense – Os mortos e feridos – Abundantes pormenores (O ESTADO DO PARÁ, 30 de agosto de 1912, p. 1).

A população se rendeu ao discurso laurista, atear fogo no jornal de Lemos parecia não ser suficiente, as tropas instigaram a população a ir até a casa do mesmo para incendiá-la e saqueá-la (VELOSO, 2011). Algumas horas depois, Lemos foi encontrado, trajado com pijama. Fora agredido pela população o que assustou os “Lauristas”, pois estes queriam valer-se apenas da conquista política (ROCQUE, 2001).

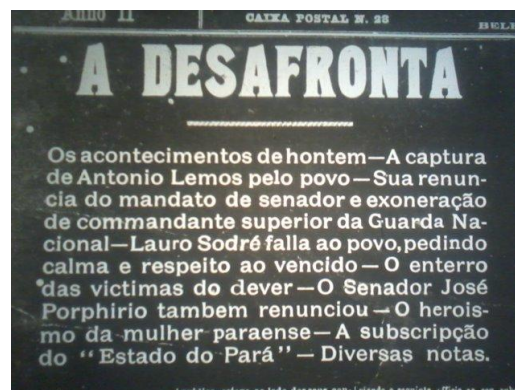


Figura 3: Microfilme d’O Estado do Pará, de 1912.

Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém.

A Desafrota. Os acontecimentos de ontem – A captura de Antonio Lemos pelo povo – Sua renúncia do mandato de senador e exoneração de comandante superior da Guarda Nacional – Lauro Sodré falla ao povo, pedindo calma e respeito ao vencido – O enterro das victimas do dever – O Senador José Porphiro também renunciou – O heroísmo da mulher paraense – A subscrição do ‘Estado do Pará’ – Diversas notas (O ESTADO DO PARÁ, 31 de agosto de 1912, p. 1).

Lemos, sem propriedades e sem títulos, sem poder econômico e influência política que desfrutara no auge da era da Borracha, mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, nada mais desejava ou almejava no Pará (ROCQUE, 2001).

3.2.3 O fim da “Era da Borracha”

“A Borracha” possuía lugar na “Secção Commercial” a qual mencionava produtos relevantes à economia paraense da época, seu valor e uma espécie de quantificação das transações destes produtos na bolsa de valores. Dentre os produtos encontrva-se “cacau, farinha, cachaça, camarão, copahyba, azeite de andiroba, cumaru, mel de canna, castanha, guaraná” e, fortemente, “borracha”, já que a sociedade daquela época sustentava-se, desde os fins do século XIX da economia gomífera.

Ao passar do mês de agosto de 1912, constata-se uma queda brusca na economia gomífera.

Nos primeiros dias de agosto, a borracha encontrava-se em uma alta posição, com transações econômicas efetuados com diversos estados e países. No dia 28, a borracha não garante mais a mesma base forte da economia da Amazônia: “BORRACHA. Continuou ainda ontem, com muito pouco movimento, o nosso mercado tendo-se feito negócios apenas com umas 6 toneladas das Ilhas.” (O ESTADO DO PARÁ, 28 de agosto de 1912, p. 3). Movimento baixo comparado ao seu início. No dia 29, o movimento é mínimo. No dia 30, fim da “Era da Borracha”. “‘Era da Borracha’ nada mais é que um outro signo referencial, associado a tempos magníficos e a sensações de vertigem (vertigem de delírio e vertigem de queda)” (CASTRO, 2010, p. 33).

O registro do “O Estado” remonta que após o dia 30 de agosto a moderna “Belém do Grão Pará” vive o que foi anunciado em 1910, quando a cidade não exportava mais a quantidade de látex que exportava no final do século XIX; o ar moderno de uma Paris tropical ficou na lembrança, nas reformas urbanas realizadas pelo intendente municipal, muitos negócios faliram, acreditava-se que a ideia de estocar látex alavancaria a economia, mas a

produção em larga escala do continente asiático ministrada por americanos e europeus superou a produção primitiva da Amazônia. Sem investimentos do governo e com a produção do látex asiático em larga escala, Belém despediu-se dos seus anos de riqueza.

Castro (2011) relata que a “Era da Borracha” é lembrada como o ápice da economia na cidade de Belém, mas contrapõem que Belém isolara-se dos planos geográficos e políticos do Brasil, não investiu nas indústrias que se desenvolveram no período da economia gomífera - como os produtos regionais; Belém preocupou-se apenas, em ser uma capital moderna, inspirando-se nas arquiteturas das grandes metrópoles europeias, sem avaliar que alternativas econômicas poderiam auxiliar no seu crescimento. O poder aquisitivo de Belém se foi, tal como a família Alcântara, de Dalcídio Jurandir, a cidade “(...) vivenciou os tempos áureos da borracha e desfrutava de uma alta posição social na época, passando a viver de aparências na ‘decadente’ Belém de 1920” (FERNANDES; SEIXAS, 2011b, p. 4).

O projeto de Lemos era um projeto monocultor, de substituição da variedade produtiva do Estado por uma única cultura. A ideia de Estado dele era muito inferior a que Lauro Sodré tinha para o Pará, baseada na educação e inserção de mão de obra qualificada europeia no Estado. (O LIBERAL, 29 de agosto, p. 3).

A crise da Borracha liga-se, diretamente, a própria queda econômica de Antônio Lemos. O intendente, no período áureo da economia advinda da exploração e da exportação do látex, exercia influência sobre os intendentes do interior do Estado devido a favores prestados a estes intendentes, favores propiciados pelo poder econômico que possuía. Com a queda da borracha, Lemos perdeu seu poder econômico, e sem atender aos pedidos dos intendentes do interior, perdeu seu poder político.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que os estudos indicam, a produção jornalística do “O Estado do Pará” já apresentava indícios de objetividade, no entanto, mistura-se com uma dramatização, uma espécie de divisão do acontecimento em atos, como se constituem, por exemplo, as polêmicas dramaturgias do escritor modernista brasileiro Nelson Rodrigues.

Há um pouco - pode-se dizer, mesmo que raro - deste teor literário nos jornais impressos atuais, porém, o que predomina agora é a objetividade, um dos principais aspectos que influenciam o índice de noticiabilidade, as regras da empresa jornalística, as rotinas produtivas das redações (WOLF, 2009), como o *lead* e a pirâmide invertida. Demonstra-se o

sensacionalismo, a descrição detalhada dos óbitos, da violência, reflexo do jornalismo do início do século XX aqui tratado.

O jornal apesar de não fazer uso de muitos recursos gráficos para sua diagramação, e ser contemplado em 95% de escritos divididos em sete colunas, já desejava apresentar uma sequência de assuntos semelhantes tal qual se observa nos cadernos dos jornais “O Liberal” e “Diário do Pará”, divididos em temas já mais específicos. Os jornais de hoje também mantêm colonismo social, retratando rapazes e moças promovendo festejos, viagens e jantares.

Muito do que se vê no início do século passado - o entrelace do jornalismo que tenta transmitir o mais próximo da realidade, com o jornalismo que é feito com o objetivo de ter uma grande vendagem valendo-se de bordões, clichês e sarcasmo, e de uma certa forma literária, como por exemplo, nas ocorrências policiais – é um antecedente do que continua ocorrendo até os dias de hoje.

Curioso notar que cem anos separam “O Estado do Pará” - segundo o caso estudado - e “O Liberal” e o “Diário do Pará”, mas percebe-se como estes jornais apropriaram-se das características do jornalismo do século passado e moldaram-no com caracteres contemporâneos, agregando características próprias a sua modernidade.

Ao que diz respeito à própria Era da Borracha, admite-se, hoje, que Belém desenvolveu-se estruturalmente, politicamente e culturalmente, e que era preciso que Lemos adotasse ou patrocinasse outras economias - como era o plano de Lauro Sodré - que vinham crescendo no período do fim da Era da Borracha (O LIBERAL, 29 de agosto de 2012, p. 3).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. Floresta que sangra: No Acre, a violenta disputa por seringais atravessou o século XX, mas resultou na primeira reserva extrativista do Brasil. *In: Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, nº 44, p. 17-25, mai. 2009.

BLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura e Desportos e Turismo, 1985. p. 241-242.

CASTRO, Fábio Fonseca de. Protocolo de Sonhos. *In: _____*. **A Cidade Sebastiana**. Era da Borracha, Memória e Melancolia numa Capital da Modernidade. Belém: Edições do Autor, 2010, p. 19-65.

FERNANDES, Phillippe S. P.; SEIXAS, Netília S. A. **Comunicação & História**: a imprensa de Belém no alvorecer do século XX. Disponível em: <<http://paginas.ufgrs.br/alcar/encontros->

nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Comunicacao%20-%20Historia%20a%20imprensa%20de%20Belem%20no%20alvorecer%20do%20seculo%20XX.pdf/view>. [2011a]. Acesso em: 22 abr. 2012.

_____. **Entre jornais e um repórter: a imprensa de Belém nas décadas de 1910 e 1920.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1283-1.pdf>>. [2011b]. Acesso em: 17 abr. 2012.

O ESTADO DO PARÁ. 15 de Agosto. 1912, n. 492, p.1.

O ESTADO DO PARÁ. 15 de Agosto – a festa infantil. 1912, n. 493, p.1.

O ESTADO DO PARÁ. A Desafrenta. 1912, n. 508, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ. Borracha. 1912, n. 505, p. 3.

O ESTADO DO PARÁ. Borracha. 1912, n. 506, p. 3.

O ESTADO DO PARÁ. Homem sanguinario. 1912, n. 504, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ. Innominavel attentado contra Lauro Sodré. 1912, n. 506, p.1.

O ESTADO DO PARÁ. Innominavel Attentado. 1912, n. 507, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ. Pungente desgraça. 1912 n. 502, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ. Secção Commercial. 1912, n. 507, p. 3.

O LIBERAL. Legado de Lemos ainda é importante para Belém. 2012, n. 33 674, Caderno Poder, p. 3.

PINTO, Walter. Lauro Nina Sodré e a ciência de governar, 2007. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/beiradorio/novo/index.php/2007/30-edicao-50/356-lauro-nina-sodre-e-a-ciencia-de-governar>>. Acesso em: 3 nov. 2012.

ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 2001. p. 98-116.

VELOSO, Maria do Socorro F. **A ferro e fogo: conflitos no primeiro século da imprensa paraense**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1503-1.pdf>>. [2011]. Acesso em: 10 mai. 2012.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Trad. Maria Figueiredo. 10. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2009. p. 177-254.